

# Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 45(2):35-44, 2014

[www.mz.usp.br/publicacoes](http://www.mz.usp.br/publicacoes)

[www.revistas.usp.br/azmz](http://www.revistas.usp.br/azmz)

ISSN impresso: 0066-7870

ISSN on-line: 2176-7793

## VISÕES DA FAUNA E FLORA DA AMAZÔNIA EM DOIS RAROS FOLHETOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVIII INCENTIVANDO A EMIGRAÇÃO

DANTE MARTINS TEIXEIRA<sup>1</sup>

NELSON PAPAVERO<sup>2,3</sup>

### ABSTRACT

Published in Portugal in 1754, the leaflet entitled “Relação e notícia da gente que nesta segunda monção chegou ao sítio do Grão-Pará e às terras do Mato Grosso” [Relation and notice of the people that in this second voyage arrived at the site of Grão-Pará and the lands of Mato Grosso] shows the advantages that possible immigrants would enjoy by establishing themselves in the Grão-Pará and Mato Grosso. A second leaflet, anonymous and undated, called “Relação curiosa do sitio do Grão Pará e das terras de Mato Grosso” [A curious relation of the site of Grão-Pará and of the lands of Mato Grosso] seems to have been published in Portugal some time after that first one, with the same purpose. Both pamphlets are exceedingly rare and went unnoticed by most specialists on Colonial Brazil subjects, although representing a valuable witness not only of the propaganda efforts dedicated to the peopling of the Amazon, but also of the vision of Brazilian nature current among certain circles of Portuguese society during the 18<sup>th</sup> century.

KEY-WORDS: Immigration; Amazon; Mato Grosso; Isidoro de Couto; Caetano Paes da Silva; Brazilian Nature; 18<sup>th</sup> Century.

### INTRODUÇÃO

Compostos geralmente por poucas páginas de simples fatura, os folhetos constituíam uma publicação barata de grande apelo popular destinada a propósitos os mais variados, servindo tanto para promover obras literárias e histórias fantasiosas sobre os monstros de terras distantes quanto para noticiar eventos sociais e políticos capazes de atrair o interesse público. Durante os séculos XVII e XVIII, composições desse tipo foram amiúde empregadas para divulgar certas iniciativas de cunho privado ou estatal, tornando-se um instrumento de propaganda muito frequente em

países como Portugal, Holanda, Alemanha e Inglaterra. Não deve causar surpresa, portanto, que tais impressos também fossem empregados para estimular a emigração para a Amazônia brasileira, uma das questões latentes da política colonial portuguesa.

Em 11 de abril de 1619, durante o governo de Diogo da Costa Machado, terceiro capitão-mor, chegaria ao Maranhão uma primeira leva de 200 casais procedentes do Arquipélago dos Açores. Tais colonos seriam trazidos ao Brasil por Jorge de Lemos Bettencourt, o qual recebera da Coroa Portuguesa a promessa do pagamento de 400\$000 pelo serviço. A principal embarcação da flotilha estava sob o comando de Simão

<sup>1</sup> Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [dante.teixeira@pq.cnpq.br](mailto:dante.teixeira@pq.cnpq.br)

<sup>2</sup> Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. E-mail: [pavotnel@gmail.com](mailto:pavotnel@gmail.com)

<sup>3</sup> Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Estácio da Silveira, cronista e professor de agricultura, que escreveria – em 1624 – uma “Relação Sumária das Coisas do Maranhão” destinada a atrair mais imigrantes para a região, tendo sido expressamente “dirigida aos pobres do Reino de Portugal” (Silveira, 1624), tornando-se a primeira propaganda em língua portuguesa a favor do Maranhão (Berredo, 1988; Damasceno, 1976). Conforme testemunha o autor da “Relação”:

“quando fui a esta Conquista no ano de 1618, se abalaram muitas pessoas das Ilhas a meu exemplo, parecendo-lhes que pois eu sem obrigações, ir buscar remédio, deixava o regalo de Lisboa, e me ia ao Maranhão não seria sem algum fundamento. Na nau de que fui por Capitão se embarcaram perto de trezentas pessoas, algumas com muitas filhas donzelas, que logo em chegando casaram todas, e tiveram vida, que cá lhes estava mui impossibilitada, e se lhes deram duas léguas de terra”, possibilidade que atendia uma das expectativas mais caras às camadas pobres da população do Reino. Ao finalizar o trabalho, Silveira busca ser ainda mais cativante ao concluir que “esta é a melhor terra do mundo, onde os naturais são muito fortes e vivem muitos anos, e consta-nos que, das que correram os portugueses, a melhor é o Brasil e o Maranhão é Brasil melhor, em derrota muito fácil à navegação donde se há de ir em vinte dias ordinariamente” (Peireira, 2002; Silveira, 1624).

Oito anos após o opúsculo de Simão Estácio da Silveira, John Day, um cavalheiro de Windsor, traria à luz outro folheto propagandístico destinado a fazer com que ingleses migrassem para a Amazônia. Semelhante iniciativa procurava respaldar um consórcio organizado para esse fim liderado por Thomas Howard, Conde de Berkshire, ao qual Day era associado. Baseando-se nos escritos de Robert Harcourt e no material sobre as Guianas publicado na extensa coletânea de Purchas, John Day descreveria a Amazônia em termos muito favoráveis, destacando a abundância de alimentos e os numerosos produtos comerciáveis, todos passíveis de ser obtidos pelo trabalho dos índios com pouquíssimo esforço por parte dos brancos (Day, 1632; Harcourt, 1613; Purchas, 1626). Acenando com a esperança de que certos cultivos, como o tabaco, rendessem mais que “uma colheita de dinheiro”, o autor buscava atrair sobretudo mão de obra qualificada capaz não só de suprir as necessidades diárias das famílias dos colonos, mas também de implementar engenhos de açúcar e minas, atuar na construção naval e produzir madeira, corantes e drogas. Ao final, toda essa aventura falharia pela falta de fundos e pelas notícias vindas da Amazônia contando as campanhas fei-

tas pelos portugueses contra estabelecimentos ingleses já existentes (Lorimer, 1989; Papavero *et al.*, 2002).

Segundo Canavarros (2004: 326): “Para incentivar o povoamento da Vila [de Cuiabá], Rolim de Moura propôs ao secretário da Marinha e Ultramar, Diogo de Mendonça Corte Real, em maio de 1752, a introdução de ‘casais de Ilhéos’ a fim de formarem roças ‘para o que são excelentes’. Renovava proposta feita no ano anterior, quando D. José I participava ao governador do Grão-Pará que em breve seguiriam 1000 casais de açorianos para aquela região. Segundo consta, nenhum imigrante teria chegado ao Mato Grosso”.

A exemplo dos casos acima vistos e talvez secundando os desejos de Rolim de Moura, um folheto seria publicado em Portugal, no ano de 1754, mostrando as vantagens que possíveis imigrantes teriam ao se estabelecerem no Grão-Pará e Mato Grosso. Contando apenas com a folha de rosto seguida por seis páginas não numeradas, esse panfleto receberia o título de “Relação e notícia da gente, que nesta segunda monção, chegou ao sítio do Grão-Pará e às terras do Mato Grosso” (Fig. 1). Disposto sob a forma de uma carta enviada por um português recém-chegado ao Grão-Pará a seu correspondente em Lisboa, o texto pertenceria a certo Isidoro de Couto, provável residente em alguma localidade no norte de Mato Grosso. A julgar pela oportuna citação de Ovídio presente na segunda página, o autor parece ter sido pessoa instruída, sendo lastimável que Caetano Paes da Silva, responsável pela publicação, nunca ter trazido à luz a última parte dessa missiva, conforme declarado no fim do panfleto (Silva, 1754).

Sem data e autoria discriminadas, um segundo folheto denominado “Relação curiosa do sítio do Grão Pará e das terras de Mato Grosso” parece ter sido impresso em Portugal pouco tempo depois do opúsculo anterior, compreendendo apenas a folha de rosto seguida de oito páginas numeradas (Fig. 2). Em comparação com a carta de Isidoro de Couto, o texto é muito pedante e recorda o estilo de algum eclesiástico da época. Ao contrário da declaração expressa na folha de rosto – que atribui o panfleto a “um curioso experiente naquele país” (*i.e.*, o Brasil; vide também Moraes, 1983) – fica a impressão de que se trata de mera paráfrase do folheto escrito por Couto, com certas interpolações dificilmente críveis para alguém que tivesse viajado ou habitado a Amazônia (vide adiante). Desprezadas todas as fantasias, esse último opúsculo recorda bastante a “Relação” de 1754, inclusive em detalhes como prometer a publicação de uma segunda parte e lançar mão basicamente da mesma sentença latina no final do texto, frase diversa daquela obser-

RELACAM  
E NOTICIA

Da gente, que nesta segunda monção  
chegou ao sitio do

GRÃO PARÁ,

E A'S TERRAS DE MATOGROSSO,  
caminhos que fizeraõ por aquellas Terras, com ou-  
tras muitas curiosas, e agradaveis de Rios,  
Fontes, fructos, que naquelle Paiz achàraõ.

C O P I A

*Tudo de huma Carta, que a esta Cidade  
mandou*

ISIDORO DE COUTO

ESCRIPTA POR  
CAETANO PAES DA SILVA.



LISBOA:

Na Offic. de BERNARDO ANTON. DE OLIVEIRA  
Anno de M. DCC. LIV.

*Com todas as licenças necessarias.*

FIGURA 1: Frontispício da "Relaçam e noticia da gente, que nesta segunda monção chegou ao sitio do Grão Pará, e a's terras de Mato Grosso".

RELACAM  
 CURIÓZA  
 DO SITIO  
 DO  
 GRAÕ PARA  
 TERRAS DE  
 MATO-GROSSO  
*bondade do clima, e fertili-  
 dade daquellas terras.*  
 ESCRITA POR HUM CURIOSO EXPE-  
 riente daquelle Paiz.  
 Primeira parte.  
*Com licenças.*

FIGURA 2: Frontispício da “Relaçam curiosa do sitio do Graõ Pará Terras de Mato Grosso”.



vada no original de Isidoro de Couto por apenas uma palavra (Anônimo, *ca.* 1760).

Reputados por Moraes (1983) como extremamente raros, esses dois panfletos parecem ter passado despercebidos por grande parte dos especialistas interessados em assuntos do Brasil Colônia, haja vista que a “Relação curiosa do sitio do Graó Pará e das terras de Mato Grosso” não chegaria sequer a ser citada no “Dicionário de pseudônimos, iniciais e obras anônimas de escritores portugueses” (Fonseca, 1896). Parece oportuno, portanto, trazer à luz o conteúdo de ambos folhetos – valiosos testemunhos não só dos esforços voltados para o povoamento da Amazônia, mas também da visão da natureza brasileira vigente entre determinados círculos da sociedade portuguesa no século XVIII.

### LEITURA DIPLOMÁTICA DA “RELAÇAM E NOTICIA DA GENTE, QUE NESTA SEGUNDA MONÇÃO CHEGOU AO SITIO DO GRAÓ PARÁ, E A'S TERRAS DE MATO GROSSO” (1754)

#### NOTICIA

SEnhor N. já que conseguiu o meu desejo a oportuna occasião para desempenhar as obrigaçoens de que sou devedor, e já que se me oferece destas terras para essa Corte portador seguro; não quero privar V. M. do divertimento, que lhe poderá causar a noticia da nossa viagem; para que esta possa servir a V. M. de allivio, assim como amim me tem servido de trabalho, que não foy pouco o da nausea de onze dias, em os quaes fazendo já conta que acabava a vida em todos eles, me foy a viagem assaz trabalhosa, e molesta: até que passado este tempo, e habituando-se a natureza do mar, lográmos perfeita saude em todo o tempo, que por elle percorremos, que foraõ quarenta e nove dias, no fim dos quaes chegámos a dar fundo em dezanove do mez de Julho: aqui estivemos em Franquia<sup>1</sup> até o dia vinte hum, em q' principiáraõ a desembarcar Soldados, e Officiaes de ambos os Regimentos com aquella alegria, que costuma haver em quem combatido das ondas (improprio elemento para criaturas racionaes) só deseja ver-se na terra, que como mãy de todos os viventes lhe faz mayor agazalho do que as agoas, que a muitos servem de sepultura. A mayor parte da gente desembarcou doente, ou fosse por estranhar as agoas da viagem,

1. Uma embarcação “está em franquia” quando se encontra em um local com espaço suficiente para manobrar sem que outras a embarquem (Leitão & Lopes, 1974).

que se nos corrompêraõ, ou pelas calmas da linha<sup>2</sup> em

[Página 2]

em que andámos muitos dias: cuidavamos todos em outro tempo, que o sitio do Pará era Lisboa; taõ faceis são os homens nas suas consideraçoes, mas ainda que a terra pela vezinhança do Sol he livre de todas aquellas calamidades, que se experimentaõ em Portugal pelos mezes de Dezembro, Janeiro, e Fevereiro, com tudo não participa da delicia com a differença, que vay do agrèste para o mimoso, do soletario para o povoado; porque desembarcados os doentes por falta de commodo, ficáraõ muitos ao rigor do tempo, mas este os não offende, que a ser o clima do Reyno, nenhum escaparia pelo desabrigado; e ainda que alguns morrêraõ já em terra, com tudo depois que entráraõ a gozar os ares della experimentáraõ a saude, que naquelles Paizes costuma haver; dos quaes com mais razaõ poderia dizer Ouvidio.

*Ver erat Aeternum plaudis que tepentibus umbris mulcebant zephyrinatos sine semine flores<sup>3</sup>.*

Porque o Sol que do equinotial para o Trópico de Cancer, e Capricornio, caminha sómente até a distancia de vinte e dous graos de hum, e outro Pólo Artico, e Antartico por huma, e outra parte aqueita estas terras de fórma, que se escuzão nelas os reparos, que nesse Reyno se haõ de mister; aqui são nenhum os pleurizes, poucos os defluxos, excepto quando algumas pessoas pouco acauteladas no extremo do calor abertos os póros do corpo se banhaõ nos Rios; as malignas mal que os Medicos

[Página 3]

dicos do Reyno curaõ com as Medicinas da moda, que são leites, e amendoadas, donde procedem continuas obstrucçoens, se remedeiaõ nestes Paizes com agoas de ervas, suores, e remedios que não fazem mais custo, que o de conhece-los, e apanha-los, só o que no Reyno superabunda, nestes sitios falta, he o commodo, causa a pouca frequencia que ha de gente assim como em outras partes, que he de

2. Referência às calmarias observadas amiúde por volta da linha do equador.

3. “*Ver erat aeternum plaudisque tepentibus auris mulcebant Zephyri natos sine semine flores*”, trecho das “*Metamorfoses*” de Ovídio (I, 107) passível de ser traduzido como “A primavera era eterna, os plácidos zéfirios acariciavam com os seus sopros tépidos as flores nascidas sem semente”.

crer, que se Portugal fora tão dezerto não haveria no Mundo terra mais agréste. Da Corte, e Cidade de Lisboa sey eu que não produz em si cousa alguma, e com tudo nella não falta tudo quanto pôde desejar o appetite humano, e a razaõ he, que das mais terras, e das mais Provincias chamados do interesse, concorrem todos a trazer cada hum o que produz o seu Paiz, e succede muitas vezes haver mais abundancia deste, ou daquelle genero na Corte do que no mesmo sitio aonde o dito genero se dá, e cria: assim, e da mesma fórma nestes Paizes do Pará em este sitio de Mato grosso, aonde a carne está a seis reis<sup>4</sup> o arratel<sup>5</sup>, tão boa, e tão excellente, que excede a de Lisboa, aonde por vezes a com-prey a cincoenta reis; e aqui não entraõ no pezo os ossos, porque até as mesmas abas, e barriga se lhe deita fóra, e sómente se vendem a pezo as pernas, e alcatra das Rezes. A farinha<sup>6</sup> unico mantimento destas terras, está alguma cousa cara; mas espera-se em Deos, que frequentadas que sejaõ, haja della abundancia; as frutas fazem muita differença as do

[Página 4]

do Reyno: lembrando-nos aqui as delicias das Peras, e Maçans de tantas castas; limoens, e laranjas tambem temos noicia de que os ha; ainda que até agora os não temos visto; e nos dizem que sem cultura nascem, e se criaõ ainda que não tão grandes como os do Reyno. Em toda esta terra, e em todo o tempo do anno estão as arvores cheas de folhas, e os Matos frescos, o intrincado dos quaes nos serve de morteficação, porque se não pôde por eles dar livremente hum passo; ao chegarmos vendo o denso, e frondoso delle nos parecia, que o fogo poderia fazer caminho livre; mas ao depois nos desenganou a experiencia: pois ainda cortados os páos, e postos no cume dificultosamente ardem, todas as arvores são enlaçadas de sipó: assim como as do Reyno pelas partes muito viçosas vemos aos urmeiros cobertos de era<sup>7</sup>: he esta arvore de tal fórma, que unindo-se com a outra, sobe por ella até ao cimo o cume, e de huma salta ás outras de sorte, que pelo Máto senaõ pôde dar passo sem

4 Trata-se de quantia insignificante, pois um tostão de prata valia nada menos de 80 réis.

5 Após o decreto de Dom Manuel I, assinado em 1499, o arrátel foi equiparado a uma libra ibérica, portanto 459 gramas.

6 Provável referência à farinha de mandioca, de fato o principal mantimento das terras brasileiras na época.

7 O autor busca comparar as árvores tropicais cobertas por cipós com os ulmeiros ou olmos, *Ulmus* sp. (Ulmaceae), tomados por heras, nome comum a diversas trepadeiras nativas da Europa.

que se leve na mão hum cotello, ou faca grande, com que a Natureza foy prendendo as arvores humas a outras; e a gente que desembarcamos, dellas nos temos servido nas cázias, e choupanas, que para nossa habitação fazemos, elegendo sitio aonde estejaõ arvores grossas, das quaes fazemos humas como columnas, e por entre ellas metidos páos, as vamos enredando de sipó verde, o qual com

[Página 5]

com a folha faz huma tapa tão densa, como qualquer das cazas de Lisboa; por cima, e por baixo se atraveção páos da mesma fórma enredados em razaõ de ficar o pavimento levantado do chaõ por causa da humidade da terra; porque he de crer, que sendo o clima do ar o mais ardente, he a terra em si summamente fria, e também porque apenas o Sol se esconde no Horizonte, não deixa de correr huma viração, que pouco defere do mez de Outubro, e Novembro em o Reyno: nos páos das arvores se prégaõ redes, e nelas fazemos as camas em quanto o tempo nos não dá lugar para preparar habitaçoens mais cómodas. Por agora he toda esta terra summamente agréste, mas espera-se em Deos, que conduzida que seja do Reyno mais gente, se fação povoaçõens, e com ellas, e com o trato, e communicaçãõ, brevemente chegaraõ a outro estado. Os Rios de todo este continente são grandes, e cheyos de muitos bichos, e a terra tambem delles he assaz abundante; causa porque os que viemos costumados do Reyno a não ver mais que os caens, e gatos de Lisboa nos sobresaltamos quando vemos cobra de quatro, cinco varas de comprido<sup>8</sup>, tão grossa como a cintura de qualquer de nós; e principalmente huma que he da agoa, a que chamaõ Suriulo<sup>9</sup>, a qual não he deficit tragar hum novillo; tão monstruosa, que no sitio, ou lagõa aonde assiste, não chega, nem apparece outra alguma cousa: e assim como he monstro no cor-

[Página 6]

corpo o he na velocidade, que he nenhuma; porque permite Deos que se não mova do lugar em

8 Portanto entre 4,4 m e 5,5 m de comprimento, sendo a vara uma antiga medida linear portuguesa equivalente a 1,1 m.

9 Clara referência à sucuri, *Eunectes murinus* (Boidae). A antiga fábula dessas serpentes constritoras serem capazes de engolir bois ou novillos encontra-se registrada no Brasil desde o século XVI (vide Sousa, 1938).

que habita, porque de outra fôrma nada escaparia. Ha mais outras qualidades de bichos, e as aves saõ em grande numero muita diversidade, humas alegrando com a melodia, outras com a vista de suas penas, de tal fôrma, que a primeira representaçãõ desta terra he boa, e parece naõ ha ver mais que de-zejar: mas a falta de mantimentos a faz agréste, por onde nos parece, que saõ precisos annos, em os quaes a força de trabalho e deligencia se remedêe esta necessidade, que por agora naõ he pequena. Depois de aqui estarmos chegou a este sitio de Cacheu<sup>10</sup> hum Navio carregado de Negros, que em poucos dias vendeo, como fazenda mais precisa para nós, em razaõ de naõ termos quem possa fabricar o que he preciso.

*DO AUCTOR DO PAPEL.*

*Aqui chegava com a sua Carta o dito Isidoro do Couto; o qual ao diante tratava de mais algumas cousas dignas de se saberem, que ficãõ reservadas para outra Relaçãõ se esta for aceita.*

*Omnia sub Sanctae Matris Ecclesiae submito*<sup>11</sup>

**LEITURA DIPLOMÁTICA DA “RELAÇAM CURIOSA DO SITIO DO GRAÕ PARÁ TERRAS DE MATO GROSSO” (SEM DATA)**

[Página 3]

Muitos annos depois da creaçãõ do Mundo, e ainda da inundaçãõ do diluvio, pareceo a todos os Geografos, que a terra se dividia em tres partes Azia, Africa, e Europa, sendo esta a mais belicosa, aquella mais extensa; durou esta opiniaõ até quazi o decimo quinto seculo da nossa redempçãõ em que Divina bondade mostrou aos homens outra parte do Mundo, com cuja grandeza, e opulencia nenhuma das outras se atreve a competir; porque naõ somente ocupa todo aquelle espacio que cobre a Zona torrida, mas ainda por huma, e outra banda muita parte das outras duas compreende a sua extensaõ, guardando ao mesmo tempo em suas entranhas os metais mais finos, as pedras mais preciosas, e produzindo tanta variedade de frutos, que parece

que a natureza se empenhou na sua perfeiçãõ, e o Sol planeta o mais benigno, naõ se afastando já mais della, lhe comunica deperto as suas influencias: divide-se esta grande parte do Mundo em duas a que chamaõ Meridional, e Septentrional, esta como mais afastada do Sol, e por isso menos participante de seus influxos deixaremos, tratando sómente da America meridional, e ainda nesta especificamente da terra do Maranhaõ, sitio do Pará; naõ porque esta noticia naõ esteja ha munto tempo escrita, mas porque assim, e nesta relaçãõ se possa fazer mais divulgada; e tambem para que expondo ao publico a certeza, possaõ vir no conhecimento verdadeiro aquelles, que já vi imaginar eraõ aquellas terras huma nova cafraria naõ

[Página 4]

naõ tendo ellas contra si outra couza mais, que o pouco cazo que até agora se tem feito de sua deliciosa bondade; pois se os homens lhe soberaõ indagar o prestimo, perderia o Oriente o brazaõ de ser ele que ministra a Europa, o brilhante das pedras, e odorifero dos aromas, quando aqui com menos trabalho, e sem atravessar aquelle tromentozo Cabo, que para muntos o tem sido de toda a boa esperançãõ poderaõ em breve tempo saciar a sua cobiça, e ser mayor a sua sagacidade; poderaõ tirar se nelas o Ouro sem o perigo de perder a vida a violencia dos Barbaros; pois ainda que haja nestes paizes alguns Gentios, ou por sua natural frouxidãõ naõ ofendem, ou com pouca rezistencia se intimidãõ; a vastidãõ daquellas terras, grandeza dos rios, abundancia de frutos, gados, e varios animaes constituem hum Paraizo na terra. naõ obstante o conterem algumas couzas perniciosas entre estas benignas; porque sendo o clima mais ardente pela vizinhança do Sol que todo o anno por hum, e outro lado com seus rayos o fere; passando lhe por sima duas vezes em Março, e Setembro sendo naõ menos a terra em si fria, ou já por sua qualidade, ou pelas muitas aguas que a inundaõ; juntos estes dous contrarios calor, e frio fazem hum tal temperamento, que com elle naõ somente se criaõ arvores, que cansaõ a vista de quem lhe olha os cumes, mas tambem tantos, e taõ varios animaes, que metem pavor aos que de novo, e sem experiencia por ellas caminhaõ: Naõ ha em toda esta regiaõ nem se vê nella aquelle estrago, que nestes climas da Europa costumaõ fazer o horrido Dezembro; antes parece, que a Omnipotencia tendo cuidado dos homêes como nunca o Sol deixa ali de os molestar

10 Dessa cidade costeira da atual República da Guiné-Bissau provinham muitos dos escravos trazidos para o Brasil, Maranhão e Grão-Pará durante os séculos XVII e XVIII (Chambouleyron, 2006).

11 “Submeto tudo à Santa Madre Igreja” em latim no original.

[Página 5]

molestar com os rayos, quis tambem que as arvores não deixassem já mais de os reparar com as sombras, sendo estas em partes tão espessas, que quazi se equivoaço as da noute, por serem as copas entre si tão unidas, que sem dificuldade em varios sitios se pôde caminhar por sima dellas como por hum chaõ seguro, o mato inferior que cobre a plano suposto que pareça mais horrído, não he tão agreste como o de outras terras; as arvores assim como se empenhão em crescer, se empenhão em engroçar, e muitas ha que as não abraçaço quatro homens, de outras se podem fazer embarçaçoens cavadas, e tão grandes como o melhor barco de Riba-Tejo, arvores ha que huma só contem em si quazi tudo, o que he precizo para aparelhar hum navio, porque o tronco lhe dá quilha, cavernas, pranchas, mastros, vergas, as folas trocidas, e secas lhe daço cabos, e mais rijos, que estes comuns, della tiraço fio, de que podem tecer as vellas, destila óleo de que se faz alcatraço, somente lhe falta o ferro; porque ainda o azeite lhe comunica o fruto, servindo este ao mesmo tempo de sustento, o ebano da India de que as Naçoens Europeas fizerão por tantos annos particular estimação, chegando a sobilo quazi ao valor da prata, ficou abatido depois que neste delicioso Paiz se achou páo que senaço he na côr, no rijo, e perfeiçaço, ou o iguala, ou o excede, e ainda na mesma côr dissera eu lhe leva tanta vantagem, quanta vai do preto ao encarnado matizado pela natureza de tal fôrma, que não parece senaço pintura feita pela arte<sup>12</sup>; sendo as arvores por antigas tão groças, e altas nenhuma dificuldade tem para as derribarem; porque as raizes da mayor dellas não profunda a altura de huma braçaço<sup>13</sup>, e a razaço que acho

[Página 6]

acho para esta diferença he, que nos paizes da Europa o frio dos Ares obriga a todas as plantas a buscarem no centro o calor, ali porém nenhuma necessidade tem de o buscarem no centro achando-o tão grande na superficie, e pelo contrario sendo a terra em si como já disse fria, por onde com qualquer leve trabalho se derriba huma arvore das mais antigas. Nenhuma necessidade podem padecer os habitadores comunicando lhes os matos frutas saborozissimas, e muntas delas tão substanciaes, que bastaço a suprir a falta do paço de Europa, que naquellas terras

12 Nessa extensa passagem, o autor parece confundir diversas espécies vegetais, misturando palmeiras com as árvores mais diversas.

13 Cerca de 2,2 m.

he deficultozo de nascer em razaço da frialdade della, e o calor do Ar; finalmente he tão bom o temperamento deste clima, que sabendo se por experiencia certa serem todos os alagadissos doentes, ali tambem por experiencia se tem observado o serem saudaveis, alem de servirem de dilicia aos habitadores, pois não he pequena a de navegarem em canoas por sima de agua doce muntos dias cobertos com aquelle pavilhaço verde, e caindolhe dentro das mesmas canoas os frutos, que as mesmas arvores sem mais cultura, que a da natureza lhe estaço espontaneamente oferecendo; ha com tudo ali inumeraveis bichos, huns nocivos pela ferocidade, outros pelo veneno; de huns, e outros he antidoto a vigilancia, e a cautella, o animal mais horrendo he o Jacareo, tão atrevido, que apanhando qualquer canoa descuidada fas toda a diligencia por alcançar nella a preza, lançando as garras ao que lhe fica mais a jeito<sup>14</sup>, o remedio contra este mal he o que se deu já em outro tempo aos monstruozos Lagartos, que habitavão nos rios de Goa, tão grandes que como diz o celebrado historiador João de Barros<sup>15</sup>, engoliaço hum boy de hum bocado, e dizem

[Página 7]

zem os que á India vão agora, que já não ha ver hum destes Lagartos, porque a frequencia das embarçaçoens, o continuo fuzilar dos tiros, ou os extinguiço, ou os afugentáço, da mesma sorte nestes rios do Pará se extinguirá de todo esta praga, concorrendo embarçaçoens, que com os tiros os amedrontem, e afugentem; o outro animal terreno he a Onça<sup>16</sup>, tão atrevida, que ainda meya morta a forsa de tiros en-

14 A ferocidade dos jacarés da Amazônia também seria mencionada em outros textos do século XVIII (e.g., o jesuíta Antônio Moreira in Papavero & Teixeira, 2011), referências que parecem dizer respeito sobretudo ao jacaré-açu, *Melanosuchus niger* (Alligatoridae). Nesse contexto, a expressão – por sinal bastante infeliz – de que os jacarés “lançariam as garras” às suas vítimas pode ser entendida apenas no sentido figurado.

15 Em suas “Décadas da Ásia” o renomado historiador João de Barros (1496-1570) faz diversos comentários sobre os gigantescos “lagartos d’água” ou crocodilos encontrados na África e no Oriente. Acreditamos, contudo, que o texto faça menção a certo trecho existente no primeiro capítulo do livro quinto da segunda “Década”, segundo o qual “todo o circuito dos esteiros desta ilha [de Goa] é coalhado de lagartos d’água, cousa tão grande que engolem um bezerro já de bons cornos ... não chega coisa viva à água que logo por eles não seja engolidá” (Barros, 1628). Trata-se provavelmente do “mugger”, *Crocodylus palustris* (Crocodylidae).

16 Provável referência à onça-pintada, *Panthera onca* (Felidae), embora a ferocidade da suçuarana ou onça-parda, *Puma concolor* (Felidae), também seja mencionada em outros textos da época (e.g., o jesuíta Antônio Moreira in Papavero & Teixeira, 2011).



veste a quem a ofende; e com tudo no Pará a quem andar vigilante he fácil o mata; porque sendo muntas as arvores de tras de huma se lhe póde atirar a salvo; porque a penas se ve ofendida a olhos fechados remete a tudo o que encontra, e agarranfo-se á arvore a não larga o caçador, que detras está escondido metendo mão ao traçado<sup>17</sup>, o qual ninguem deve largar naquella terra, lhe dessepa de hum golpe a mão esquerda aonde consiste todo o seu valor. E he para ver a onça, ou o tigre, que tudo he o mesmo, a bulha que faz no chaõ depois de se ver manca, e decepada estes atrevimentos só os tem contra os que caminhaõ solitários, porque a dous não só não investe, mas ainda foge, sendo com tudo tão sagaz, que por muntas legoas acompanha os comboyos, e ranchos, observando se por desgraça fica algum a tras para nelle fazer preza. Semelhante perigo temos aqui com os Lobos, e com tudo depois, que as terras abundarão de povoadores, por acaso aparece algum no fragozo das serras, donde venho a entender, que povoadas aquellas, ou se extinguirá, ou se diminuirá esta praga<sup>18</sup>; outro animal ha, que he a Cobra a que chamaõ Surucucú<sup>19</sup>, tão venenosa que basta sómente picar para dentro em seis horas fazer perder os sentidos, e não dura mais a vida, que o tempo que o sangue

[Página 8]

que circulando se detem em chegar ao Coraçãõ, contra este mal vi eu dar remedio, que diziaõ ser aprovado, mas eu não aprovo; por não crer em abuzos, e por isso o não declaro aqui; pois ainda nos simpaticos não creyo o outro, que estimei saber para neste o ensinar a muntos, he o Sal de Setubal<sup>20</sup>, que tem tal virtude contra este veneno, que eu vi algumas pessoas mordidas já tão moribundas, que pareciaõ mortas, lançarem-lho pela boca, e tornar a si como de um letargo; por cuja cauza aconselho a todos o traçoõ comsigo como remedio aprovadíssimo para este veneno; e apenas se sentirem ofendidos o tomem, e não receem lhe suceda mal algum. Escrevi estas couzas para noticiar a plebe o que saõ as terras do Pará, e ainda que os dou-

tos o saibaõ, e melhor, para estes não escrevo, sim para os que o não sabem, e se tiver aceitação, na outra darei noticia do sitio, suas distancias, mostrando pelas regras da Geografia os caminhos daquellas terras, e por agora

*Omnia sub correctione Sanctae Matris Ecclesiae submito*<sup>21</sup>.

## DISCUSSÃO

Apesar de cumprir seu papel de louvar as vantagens das terras da Amazônia – notáveis pela amenidade do clima, falta de doenças e o baixo preço da carne – o texto de Isidoro de Couto não se furta a mencionar cobras monstruosas, tampouco ocultando as dificuldades criadas pela vegetação densa e pela escassez de víveres e outros mantimentos, problemas que seriam vencidos apenas com muito trabalho e a progressiva ocupação do território. Abandonando esse tom moderado, o desconhecido autor da “Relação curiosa do sitio do Grão Pará e das terras de Mato Grosso” declara ter escrito “estas coisas para noticiar a plebe o que são as terras do Pará, e ainda que os doutos o saibam, e melhor, para estes não escrevo, sim para os que o não sabem”. Semelhante intento terminaria por produzir um texto bastante curioso, capaz de retratar a Amazônia como um paraíso terreno onde o viajante poderia navegar “por dias” à sombra do espesso dossel da floresta, saciando-se com os frutos que docemente cairiam sozinhos dentro da canoa. Curiosamente, nenhum dos dois panfletos menciona o tormento representado pelos carapanãs e outros insetos hematófagos.

Além dessa visão edênica, outras passagens desse segundo opúsculo recordam os fabulosos “livros de viagens” dos séculos anteriores (vide Campbell, 1988) ao mencionar “prodígios” inusitados, entre os quais a pretensa facilidade de derrubar as gigantescas árvores da floresta por suas raízes “com menos de uma braça” de profundidade e a inverossímil fábula das onças com a pata esquerda cortada. Embora surpreendentes, tais balelas poderiam ser entendidas como uma extrapolação assaz fantasiosa de notícias vindas de terceiros, uma vez que os golpes desferidos pela pata esquerda das onças eram particularmente temidos na época<sup>22</sup> e as raízes das árvores das florestas tropicais de fato são

17 Trata-se do indispensável terçado ou fiação.

18 Neste trecho um tanto confuso, o autor faz a correta previsão de que as onças brasileiras – tal como se passou com os lobos em Portugal – diminuiriam de número e terminariam por desaparecer com o crescente povoamento da terra.

19 Trata-se da surucucu, *Lachesis muta* (Viperidae), a maior das serpentes peçonhentas brasileiras.

20 O produto das tradicionais salinas de Setúbal era visto como o mais puro de todo o território português, o que talvez tenha influenciado nessa atribuição de notáveis poderes antidotais.

21 “Submeto tudo à correção da Santa Madre Igreja” em latim no original.

22 Segundo o jesuíta Antônio Moreira (*in* Papavero & Teixeira, 2011) as onças teriam “tanta força na mão esquerda – com que tiram a manopla – que, dando na testa de um boi, lhe fazem os cascos em pedaços, deixando-o morto”.

bem menos profundas que aquelas das florestas temperadas, característica atribuída pelo autor ao clima quente, pois nos países da Europa o frio dos ares obrigaria “todas as plantas a buscarem no centro o calor”, enquanto ali “nenhuma necessidade tem de o buscarem no centro achando-o tão grande na superfície”.

Ao invés do duro trabalho mencionado no opúsculo anterior, esse texto apócrifo aprofunda ainda mais sua similaridade com certos “livros de viagem” ao acenar com a ilusão do ganho fácil e evocar os sonhos inspirados pelas míticas riquezas do além-mar, afirmando que os imigrados poderiam “saciar sua coíça em breve tempo” e tirar dessa terra “o ouro”, sem terem de “atravessar aquele tormentoso Cabo” e sem o perigo de “perder a vida na violência dos bárbaros”, pois ainda que houvesse no Brasil “alguns gentios”, “por sua natural frouxidão, não ofendem ou com pouca resistência se intimidam”, assertiva que despreza por completo a resistência indígena.

## RESUMO

*Publicado em Portugal no ano de 1754, o folhetim intitulado “Relação e notícia da gente que nesta segunda monção chegou ao sítio do Grão-Pará e às terras do Mato Grosso” mostra as vantagens que possíveis imigrantes teriam ao se estabelecer no Grão-Pará e Mato Grosso. Sem data e autoria discriminadas, um segundo opúsculo denominado “Relação curiosa do sítio do Grão Pará e das terras de Mato Grosso” parece ter sido impresso em Portugal pouco tempo depois do anterior com a mesma finalidade. De extrema raridade, esses dois panfletos teriam passado despercebidos por grande parte dos especialistas interessados em assuntos do Brasil Colônia, embora constituam valioso testemunho não só dos esforços propagandísticos voltados para o povoamento da Amazônia, mas também da visão da natureza brasileira vigente entre determinados círculos da sociedade portuguesa no século XVIII.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Imigração; Amazônia Brasileira; Mato Grosso; Isidoro de Couto; Caetano Paes da Silva; Natureza Brasileira; Século XVIII.

## REFERÊNCIAS

- ANÔNIMO. [CA. 1760]. *Relaçam curioza do Sítio do Graõ Pará Terras de Mato-Grosso bondade do clima, e fertilidade daquellas terras*. s.l.: s.n.
- BARRÓS, J. DE. 1628. *Decada segunda da Asia de Ioão de Barros: dos feitos que os portuguezes fezerão no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente*. Lisboa, Iorge Rodriguez.

- BERREDO, B.P. DE. 1988. *Anais históricos do Estado do Maranhão*. São Luís, ALUMAR.
- CAMPBELL, M.B. 1988. *The witness and the other world: Exotic European travel writing, 400-1600*. Ithaca, Cornell University Press.
- CANAVARROS, O. 2004. *O poder metropolitano em Cuiabá (1727-1752)*. Cuiabá, Editora da Universidade Federal de Mato Grosso.
- CHAMBOULEYRON, R. 2006. Escravos do Atlântico equatorial: tráfico negreiro para o Estado do Maranhão e Pará (século XVII e início do século XVIII). *Revista Brasileira de História*, 26(52): 79-114.
- DAMASCENO, D. 1976. Simão Estácio, capitão de navio, procurador das coisas do Maranhão. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 94: 361-366.
- DAY, J. 1632. *A publication of Guiana's plantation, newly undertaken by the Right Honorable the Earle of Barkshire (Knight of the most noble Order of the Garter) and Company for that most famous River of the Amazonas in America*. London, Thomas Paine.
- FONSECA, M.A. DA. 1896 *Subsídios para um dicionário de pseudonymos iniciaes e obras anonymas de escriptores portuguezes*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias.
- HARCOURT, R. 1613. *A relation of a voyage to Guiana, describing the climate, situation, fertiliite, prouisions and commodities of that country, containing seuen prouinces and other signiories within that territory; together with the manners, customes, behaviors and descriptions of the people*. London, John Beale.
- LEITÃO, H. & LOPES, J.V. 1974. *Dicionário da linguagem de marinha antiga e actual*. Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.
- LORIMER, J. 1989. *English and Irish settlements on the River Amazon, 1550-1646*. London, Hakluyt Society.
- MORAES, R.B. DE. 1983. *Bibliographia Brasiliana: Rare books about Brazil published from 1504 to 1900 and works by Brazilian authors of the Colonial Period*. Los Angeles, UCLA, University of California; Rio de Janeiro, Livraria Kosmos.
- PAPAVERO, N. & TEIXEIRA, D.M. 2011. Os animais da Província do Grão-Pará segundo um manuscrito do jesuíta Antônio Moreira (ca. 1750). *Arquivos de Zoologia*, São Paulo, 42(2): 83-131.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M.; OVERAL, W.L. & PUJOL-LUZ, J.R. 2002. *O Novo Éden: A fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a descoberta do rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Ildefonso (1777)*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- PEREIRA, J.A. 2002. Contribuição dos Açores à colonização do Brasil nos séculos XVII a XVIII. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, 60: 261-279.
- PURCHAS, S. 1626. *Purchas his Pilgrimages: Or Relations of the world and the religions obserued in all ages and places discovered, from the creation vnto this present*. London, William Stansby.
- SILVA, C.P. DA. 1754. *Relaçam e noticia da gente, que nesta segunda monção chegou ao sítio do Grão-Pará, e às terras de Mato Grosso, caminhos que fizeraõ por aquellas terras, com outras muito curiosas, e agradaveis de rios, fontes, fructos, que naquelle paiz acharaõ*. Lisboa, Officina de Bernardo Antonio de Oliveira.
- SILVEIRA, S.E. DA. 1624. *Relaçãõ svmaria das covsas do Maranhão*. Lisboa, Gonçalo da Vinha.
- SOUSA, G.S. DE. 1938. *Tratado descriptivo do Brasil em 1587*. Terceira edição. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

Aceito em: 25/09/2014  
Impresso em: ##/##/####



Publicado com o apoio financeiro do Programa de Apoio às Publicações Científicas Periódicas da USP